

Santa Casa da Misericórdia de Santarém

**A Economia Social após a Crise: a Superabundância de Trabalho e
a Escassez de Emprego**

Santarém, 28 de Maio de 2013

**Albino Lopes – ISCSP/UTL
Professor Catedrático**

Problema:

**Da centralidade do trabalho à centralidade das
competências – a
questão da qualificação do Capital Humano, em
Portugal, no séc. XXI**

Relativismo versus Perenidade

Instrumento versus Finalidade

Partes versus Holismo

Justiça (Processo versus Conteúdo)

Demografia (Afeto versus Desvinculação)

Autonomia versus Desresponsabilidade

1 - O problema central do nosso país parece ser o da estagnação do crescimento económico a partir de meados dos anos 90, quando se completavam cerca de 40 anos de crescimento praticamente contínuo, sendo até então o segundo país da OCDE que mais crescera (800%), apenas superado pelo Japão (900% no mesmo período).

2 - Uma das causas menos invocadas é a da qualificação do factor humano. O Sistema de Ensino/Formação, sendo um dos mais caros da OCDE, é simultaneamente um dos menos eficazes, deixando o nosso país atrás do México, da Turquia e do Brasil.

3 - O crescimento económico desde os anos sessenta parece ter tido assento no investimento potenciado pela adesão à EFTA e imposto pela emigração da mão-de-obra. A cultura adaptativa dos portugueses permitia a aprendizagem nas organizações produtivas, com base na tentativa e erro, por um lado, e na circulação informal do conhecimento, por outro, uma vez que a tecnologia era de tipo analógico.

4 - A partir da necessidade do forte investimento nas Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (NTIC's), para a modernização das empresas existentes e para o aparecimento de empresas de cariz tecnológico-digital, exigentes do ponto de vista cognitivo, a fragilidade do capital humano português emerge e parece constituir-se como uma das causas da estagnação.

5 - O desenvolvimento do Estado Social que, em Portugal, acompanha o decréscimo da economia, parece assentar num paradoxo (equívoco?):

Face à dificuldade em encontrar trabalho, em lugar de se apostar no Capital Intelectual para criar valor (reinvenção do trabalho, através da formação profissional contínua de adultos em contexto organizacional, sob a fórmula da produção de competências) apostou-se antes em condições que conduziam à destruição do emprego e do valor do próprio trabalho – a garantia do rendimento como um direito, sem contrapartidas, com dinheiro emprestado por países sem Estado Social.

6 - A solução encontrada foi a do desenvolvimento de organizações de economia social, a par da captação de investimento centrado no emprego de mão-de-obra intensiva para as regiões deprimidas, disputando-o a outros espaços económicos melhor colocados para responder a este desafio.

7 - Com a impossibilidade, recentemente constatada, de continuar por esta via propomo-nos questionar as duas bases da anterior “solução”: IPSS e outras instituições, bem como investimentos sem sustentabilidade, a par com outras soluções melhor sucedidas.

A emergência da era da economia “Glocal”: a necessidade de uma aposta equilibrada e antecipatória de uma economia de escassez de energia fóssil



Classificação das actividades: os riscos de “cancro social “ da perspectiva actual do nosso país, como conduzir a mudança da desinstitucionalização (o falso caminho percorrido) e da nova centralidade da solidariedade

| | | | | |
|-------------|---------------|--------------------------|---------------------------------------|-----------------------------|
| Actividades | | Produção de Competências | Produção de Bens e Serviços Vendáveis | Produção de Controlo Social |
| | | Iniciativas | | |
| Pública | | | | |
| Privada | Não Lucrativa | | | |
| | Lucrativa | | | |
| Utente | | Cidadão | Cliente | Súbdito |

Como explorar o balanço de competências das pessoa fragilizadas, a partir do trabalho em contexto organizacional normal, através de novos modelos de organização da produção em rede, sem apostar na precariedade e garantida a sustentabilidade?

- O caso do aluno da instrução primária que não queria falar do pai. É dentro das instituições existentes que se deverá institucionalizar o trabalho voluntário que dá sentido ao trabalho profissional.
- O desenvolvimento das competências em relação de ajuda. É o aluno que precisa de ajuda que faz de alguém professor.
- É o reencontro com o “filho pródigo” que faz de um homem pai (lições a extrair sobre a importância da pessoa carenciada para alavancar o estatuto do profissional).
- A acção da professora vai para além do contexto directo da sala de aula para atingir a família da criança, o avô (figura masculina substituta) que é carpinteiro e está divorciado da avó, a prisão onde se insere o pai da criança e o bairro como um todo, onde o antigo aluno agora trabalha.

Modelo de análise de competências – o projeto que faz a diferença

O Outro Diferente

Geral

9. Tipos de projecto:
- Integração num posto de trabalho
- Criar o próprio emprego
- Criar uma empresa
- etc. (Quais?)

7. Processo de inserção (descoberta das potencialidades do território)
(Hábitos comunitários)

8. Potenciação a partir de outros projectos (rede)
(Medidas de flexibilização)

1. Projecto de vida (e profissional)
(Estado Emocional)

6. Pessoa ou instituição facilitadora e certificadora de competências
(Reacção à instituição)

6a) Interno;
6b) Externo;

4. Saberes mobilizáveis
(e certificáveis)

4a) Saber moral;
4b) Saber estético;
4c) Saber científico;
4d) Saber artístico;

5. Competências Transferíveis
(Reconhecíveis e avaliáveis)

5a) Saber ser;
5b) Saber relacionar-se;
5c) Saber fazer;
5d) Saber empreender;

2.1 Trajectória de vida

3.1 Hábitus e Hábitus de classe e Biogramas

2. Processo de formação da identidade (sonho)

2a) Educação precoce e situação sócio-familiar;
2b) Percurso escolar;
2c) Vivências associativas;
2d) Percurso Profissional;

3. Processo de acumulação de recursos (realidade)

3a) Capital físico (saúde, desporto);
3b) Capital Social;
3c) Capital cultural (actividades sócio-culturais);
3d) Capital económico;

Eixo Dialógico
(Do interesse individual ao colectivo)

Particular

(O Próprio Sujeito)


(Inscrição na temporalidade)

Eventos

Eixo Hologramático

História

Estrutura adhocrática, enquanto tal ou preferencialmente cruzada com a estrutura existente e conjugada com o trabalho em equipa, de uma organização de técnicos, no contexto de uma burocracia profissional enquadradora da relação de ajuda

| | |
|---|---|
| <p>Voluntários</p> <p>Quadros Técnicos</p> | <p>Voluntários - Modelo</p> |
| <p>1 _____</p> <p>2 _____</p> <p>3 _____</p> <p>4 _____</p> | <p>Formação</p>  |
| <p>Organização do trabalho: em matriz e, simultaneamente, em grupo/equipa</p> | <p>Facilitador/Pessoa - Alvo</p> |

A Agência Local de Desenvolvimento - um território na senda da aprendizagem

Os mitos d desenvolvimento:

-A descentralização do poder;

-O dinheiro (banca);

-A tecnologia;

-A religião

-A noção de custo/benefício

-A discriminação negativa

O modelo do grupo cooperativo Mondragón

Esquema teórico de uma Agência Local de Desenvolvimento susceptível de conduzir um território na senda da aprendizagem



Para uma sociedade relacional e criativa

- Em tempos de crise é necessário refazer os valores sociais: quais os valores a refazer na nossa sociedade? O reencontro pessoal com o voluntariado, como entre os emigrantes em França no ano de 1969.
- O voluntariado em Portugal (cerca de 20% apenas da expressão normal dos países mais desenvolvidos), como instrumento de criação de uma cultura de desenvolvimento territorial/local, assente nos valores relacionais e geradora de Capital Social.

Compreendam que a paixão pela investigação que aqui procurei transpor para o debate académico, pela sua necessidade de implicação, me tem conduzido frequentemente a optar pela 1ª pessoa do singular e não pela neutralidade da 3ª pessoa.

Obrigado